

# Formar cidadãos na Era dos Media Digitais

Vitor Tomé<sup>1</sup>, Maria Helena Menezes<sup>2,3</sup> e Guilhermina Miranda<sup>1</sup>

[vitor@rvj.pt](mailto:vitor@rvj.pt), [helena\\_menezes@ese.ipcb.pt](mailto:helena_menezes@ese.ipcb.pt), [gmiranda@fpce.ul.pt](mailto:gmiranda@fpce.ul.pt)

<sup>1</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal

<sup>2</sup> CIE da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Edifício C6, Campo Grande, 1649-016 Lisboa, Portugal

<sup>3</sup> ESE do Instituto Politécnico de Castelo Branco, 6000-266 Castelo Branco, Portugal

**Resumo:** No século XXI ser literato implica estar formado para ser consumidor crítico e produtor reflexivo de mensagens media. Todos os que não desenvolverem estas competências podem devir info-excluídos e/ou socio-excluídos. A Educação para os Media é por isso uma parte fundamental da Educação para a Cidadania. Esta comunicação apresenta um projecto aprovado pela Fundação Portuguesa para a Ciência e a Tecnologia, de Portugal, sobre a Educação para os Media na região de Castelo Branco, região fronteiriça, interior e desfavorecida de Portugal. O seu objectivo é contribuir para o desenvolvimento de competências a nível da recepção e da produção de mensagens media, pelos jovens do 2º e 3º Ciclos, tendo como base jornais escolares em formato papel e online. Apresenta ainda o CD-Rom “Vamos fazer jornais escolares”, uma aplicação multimédia utilizada pelos alunos nas aulas em que produziram mensagens media para o jornal escolar.

**Palavras chave:** TIC, Literacia dos Media, Educação para os Media, Educação para a Cidadania, CD-Rom Multimédia.

## 1. Introdução

A Comissão Europeia vai entregar este ano a uma instituição de Ensino Superior a realização de um estudo que tem como objectivo fulcral definir os critérios que um cidadão deve cumprir para que seja considerado literato em media. O anúncio da realização deste estudo foi feito através de uma comunicação da Comissão das Comunidades Europeias (2007), a qual refere ainda a necessidade de avaliar o nível de Literacia dos Media dos cidadãos da União Europeia, tarefa que deverá ser cumprida entre 2009 e 2011.

Os dois objectivos anunciados visam conhecer a realidade dos cidadãos dos estados-membros, para que depois possam ser definidas intervenções a concretizar

no terreno, no sentido de elevar o nível de Literacia dos Media da população, aproximando a União Europeia dos países que estão mais desenvolvidos nesta área, designadamente a Austrália, a Nova Zelândia e o Canadá (Comissão Europeia, s.d). Essa será a forma de levar os cidadãos europeus a desenvolverem as competências necessárias aos cidadãos do século XXI, aos cidadãos do terceiro milénio, aos cidadãos da Era dos Media Digitais.

De facto, ao contrário do que aconteceu até aos anos 80 do século XX, a ser literato implica ir além do ler, escrever e contar (Unesco, 2003). É também necessário saber pesquisar a informação de que se necessita. A tarefa de encontrar a informação necessária e credível não é porém algo fácil. Em primeiro lugar, hoje, grande parte da informação chega através dos media, ou seja, é mediada. Em segundo lugar, vivemos hoje numa sociedade saturada de media, cujo contacto é difícil de evitar. Em terceiro lugar, informação veiculada pelos media não é um espelho da realidade, mas uma construção da realidade (Mastermann, 1980) feita por profissionais de acordo com determinados sistemas de valores e influenciados por todo um conjunto de condicionantes (Jacobs, 2005).

Urge por isso desenvolver uma Educação para os Media que abranja toda a população, sendo que o resultado dessa Educação deve ser um incremento do nível da Literacia dos Media (Buckingham, 2003). Os primeiros passos nesse sentido foram dados nos anos 60 pela Unesco (Gonnet, 1999), mas foram seguidos de forma desigual pelos países dos cinco continentes. Enquanto alguns a desenvolveram de forma sustentada, com apoio do poder político (Austrália, Canadá e Nova Zelândia), outros deixaram essa tarefa a alguns entusiastas, que trabalharam sempre com pouco apoio, sem conseguirem a visibilidade necessária e sem avaliarem convenientemente as iniciativas desenvolvidas. Esta última foi, com algumas exceções (Reino Unido, França, Finlândia...), a posição dos países que hoje integram a União Europeia, entre eles Portugal e Espanha.

O cenário traçado ajuda a compreender que hoje a Educação para os Media seja mais urgente que nunca (Remy, 2003). Assim se compreende que a União Europeia, através da Comissão Europeia, tenha apoiado a criação da rede Media-educ (2004), além de ter constituído um grupo de investigadores que criaram a Carta Europeia para uma Literacia dos Media (2006), bem como varias investigações de carácter europeu, as quais evidenciaram a necessidade de inserir a Educação para os Media nos curricula de todos os graus de ensino, além de formar os professores que estão no sistema, produzir recursos pedagógicos validados por especialistas e desenvolver mais investigação na área (Mediappro, 2006; UAB, 2007). Também o Grupo Comunicar, com sede em Huelva, identificou essas necessidades num trabalho recente (Clarembaux, 2007), tal como aconteceu com a Unesco (2007), que integrou essas preocupações, na Agenda de Paris.

## **2. Educação para os Media e Educação para a Cidadania**

De acordo com autores como Lundgren (2004), Buckingham (2003), Gonnet (2001), ou com entidades como o Euro Media Literacy (2006) ou o Media-educ (2004), a Educação para os Media desenvolve competências que permitam aos indivíduos aceder aos media, tornar-se receptores críticos e produtores reflexivos de mensagens media. A estas dimensões Hobbs (1998) acrescenta: *i)* a compreensão de que há todo um enquadramento político, económico, social e cultural que influencia os media; *ii)* a utilização dos media para agir e provocar mudança social.

A Educação para os Media é necessária para que cada cidadão possa exercer uma cidadania activa: "Is one of the key pre-requisites for active and full citizenship" (Comissão Europeia, s.d.). Assume-se assim como uma nova forma de aprender numa sociedade em que se assistiu a um alargamento considerável do conceito de literacia, em resultado do progresso tecnológico, económico e social, bem como a própria globalização. Kress (2003) afirma que vivemos uma época em que a imagem superou o texto, em que o ecrã superou o livro. Estes factos têm efeitos a vários níveis, como no da aprendizagem, da comunicação e da interacção social. Por isso, o mesmo autor fala numa revolução, "a revolution of a social and not just a technological kind" (p. 17).

Consideramos que existe uma relação estreita entre a Educação para a Cidadania e a Educação para os Media. A prática de actividades no âmbito da Educação para os Media contribui para a Cidadania porque: *i)* desenvolvem a capacidade de análise e comunicação, explicam como funciona o mundo da Comunicação Social e a importância da diversidade de opiniões; *ii)* decorrem em espaços onde os alunos desenvolvem competências de liderança e de resolução de conflitos; *iii)* motivam os jovens para acederem a diversas fontes e meios de informação (Hobbs, 1998). O desenvolvimento da Educação para os Media é então fundamental para contribuir para a diminuição do fosso digital entre cidadãos, não só em termos de acesso aos media e de competência técnica, mas também em termos culturais. Será por isso um boa forma de combater a info-exclusão e a sócio-exclusão.

## **3. O CD-Rom “Vamos fazer jornais escolares”**

Nós procuramos contribuir para a integração efectiva da Educação para os Media e da Educação para a Cidadania nos currículos ao nível do Ensino Básico. Decidimos por isso produzir o CD-Rom “Vamos produzir jornais escolares”, uma aplicação multimédia que visa ajudar alunos, dos 11 aos 16 anos (do 5º ao 9º Anos de escolaridade), mas também professores, a produzirem jornais escolares, sejam eles em formato papel ou electrónico. Escolhemos um CD-Rom por se tratar de um suporte digital, que aborda a produção de mensagens para media tradicionais (jornal em formato papel) e media digitais (jornal *on-line*). Tal é importante, pois

na cultura da convergência (Jenkins, 2006), media tradicionais e media digitais podem ser utilizados de forma desigual, mas todos são importantes, dado que os media digitais não substituíram os tradicionais (Lievrouw e Livingstone, 2006).

A escolha dos jornais escolares relaciona-se com o facto de existirem em grande número em Portugal. A título de exemplo, o Concurso Nacional de Jornais Escolares, promovido pelo jornal Público (2005) conta anualmente com cerca de 200 concorrentes. O jornal escolar é, um media de acesso fácil e barato, “um recurso importante para desenvolver o espírito crítico, estilos e hábitos de reflexão e criatividade, o respeito pela diversidade de opiniões e o interesse pela actualidade” (Pinto, 1991, p. 7). Pode ser utilizado na sala de aula como “um precioso auxiliar pedagógico-didáctico, ao serviço de várias áreas disciplinares” (idem). Permite ultrapassar o corte entre espaço escolar e espaço social, que é um obstáculo à aprendizagem da cidadania, (Remy, 2003). Pode desenvolver o gosto pela pesquisa e pelo confronto de ideias. Segundo Abrantes (1992) "a educação para a cidadania passa (passou) pela liberdade de imprensa. E passa (passará) pela ligação da escola aos jornais, pela ligação dos jornais à escola" (p. 66).

O CD-Rom explica como é produzido o jornal e os diferentes géneros jornalísticos; incentiva à procura de informação e à análise do trabalho desenvolvido; propõe actividades de produção jornalística relacionadas com o meio envolvente à escola. Pedagogicamente insere-se na filosofia pedagógica construtivista, sem abdicar outras orientações pedagógicas, como por exemplo a cognitivista. Tem assim um currículo aberto e flexível, que não deixa de propor actividades e conhecimento explícito sobre diversos tópicos.

### **3.1. O CD-Rom do ponto de vista técnico**

Na produção técnica do CD-Rom, seguimos a linha de Bhangal, e de Haan (2004) e recorremos ao programa *Flash MX*. Em primeiro lugar porque permite a possibilidade de criar conteúdo interactivo que incorpore animação, vídeo e som o mesmo tempo. Obtivemos assim a versatilidade desejada. O *Flash* permite a utilização de conteúdos dinâmicos (filmes, imagens, textos) o acesso a base de dados, ficheiros de texto, *xml*. Permite também efectuar animações que tornem a interface mais amigável do utilizador. Em segundo lugar, o *Flash* exige apenas o uso de “minimal code”. Em terceiro, permite a migração de conteúdos para Internet com grande flexibilidade. Finalmente, os leitores de *Flash* são comuns, pois cerca de 95 por cento dos utilizadores de Internet têm o *Flash Player* instalado, além de que a sua instalação é gratuita. Resolvemos assim duas questões: a) é possível instalar o *Flash Plug-in* e ver o CD-Rom em qualquer computador; b) o CD-Rom pode correr em plataformas *Windows, Macintosh, Linux*. Ficou assim garantida a universalidade de utilização.

Ao nível da resolução, optámos então pelo formato 800x600, pois algumas escolas da região não tinham computadores adaptados à resolução de 1024x768. Em termos de navegação optámos por uma estrutura hierárquica, semelhante a um organigrama empresarial. Esta lógica, traduzida no Mapa de Navegação, tem a vantagem do utilizador saber, a qualquer momento, em que zona da aplicação está a navegar (Dias, Gomes e Correia, 1998).

Em termos da interface, no CD-Rom o texto (preto) surge geralmente sob fundo branco. Existem ainda quatro cores base: laranja, azul, rosa e verde, em tons suaves. As metáforas dos botões usados no CD-Rom aludem a conhecimentos prévios do utilizador (por exemplo: comando TV ou vídeo, sítios Internet, *software*). Os textos são curtos, estáticos, alinhados à esquerda, com os conceitos mais importantes destacados. Optámos pela fonte verdana (tamanho 12), pois não tem serifa, pelo que força menos a visão dos utilizadores

### 3.1.1 – A estrutura do CD-Rom

O CD-Rom tem um dispositivo de auto-execução que abre o ecrã de entrada, correspondente ao contentor principal. A metáfora de entrada assenta num conceito próximo da sala de aula. Quando o utilizador passa com a seta do rato sobre os objectos que estão na sala, abre um balão de texto a explicar a que unidade corresponde aquele objecto (ver exemplo da Unidade 2, na Fig. 1). Accionando o botão do rato com a seta sobre o objecto, entra-se na Unidade em causa.



Figura. 1 Ecrã principal do CD-Rom



Fig. 2 Ecrã com Mapa de Navegação

No topo do contentor principal estão quatro botões, enquanto no fundo estão dois. Estes botões mantêm-se visíveis na mesma posição em todos os ecrãs do CD-Rom. O utilizador tem acesso permanente ao título do CD-Rom, ao botão que fecha a aplicação, além de poder enviar um *mail* ao autor. Tem ainda acesso à Ajuda, ao Mapa de Navegação (que é dinâmico), à secção Acerca do CD-Rom e ao Glossário. Cada um destes botões faz abrir um sub-contentor, na parte central do ecrã, onde correm os filmes com os conteúdos relativos a cada um dos botões (ver Fig. 2).



Figura. 3 Ecrã da Unidade Escrever para o Jornal.

As sete unidades são apresentadas através de três sub-contentores que abrem na zona central do ecrã. No exemplo da Figura, 3, o sub-contentor de topo inclui as barras azul e rosa. A barra azul contém o título da unidade e o botão Fechar. A barra rosa contém os links para as sub-unidades desta Unidade. O sub-contentor lateral surge à esquerda, a verde e contém links que pertencem às sub-unidades. No exemplo da Fig. 4, a sub-unidade “Reportagem” tem como links “Cuidados a ter na redacção de uma reportagem” e “Sugestão de Actividades”. Na zona centro-direita está o terceiro sub-contentor, no qual são carregados conteúdos.

Ao nível da estrutura do CD-Rom, definimos também que os conteúdos ficariam tanto quanto possível separados dos filmes *Flash*. Esta decisão prende-se mais com os autores do que com o utilizador, pois facilita a alteração/actualização de conteúdos. Nesse sentido há três pastas externas aos filmes *Flash*. Numa delas estão os textos (em ficheiros txt), na outra as fotografias e numa terceira os vídeos que incluímos no CD-Rom. Assim, a título de exemplo, para alterar um texto, apenas necessitamos de o fazer no ficheiro txt. Não precisamos por isso de editar o ficheiro Flash. Mantemos a programação e, quando for accionado o *link* relativo a esse filme, o contentor carrega o texto já alterado.

Na produção do CD-Rom decidimos partir a aplicação em cerca de cerca de 240 filmes Flash, pois é forma do CD-Rom disponibilizar rapidamente a informação. A aplicação apenas carrega os filmes flash à medida que o utilizador acciona os links relativos a esses filmes. Os filmes relativos a *links* não accionados, nunca são carregados. Assim, o utilizador não tem de esperar, por exemplo, que todos os filmes duma unidade inteira carreguem para poder começar a explorar essa unidade. Esta organização foi seguida porque permite que os conteúdos do CD-Rom possam ser disponibilizados num sítio Internet.

O CD-Rom inclui oito vídeos que explicitam fases da produção de um jornal. Embora tenham curta duração, são mais pesados que qualquer dos ficheiros *Flash*. Corríamos por isso o risco do *Flash Player* demorar a carregar o vídeo, o que poderia desmotivar o utilizador. Mas a questão foi ultrapassada. Primeiro criámos um filme principal dividido em contentores onde são carregados os vídeos. Em segundo lugar, os vídeos têm um “*preload*” associado, o qual dá feedback ao utilizador caso o filme demore alguns segundos a carregar. Em terceiro lugar, no *MediaPlayBack* do Flash aproveitámos a vantagem do que Watrall e Herber (2004) denominam *video streaming* e que consiste no facto do vídeo começar a ser visto ainda antes de estar completamente carregado no *Flash Player*.

Para facilitar a utilização do CD-Rom, tomámos determinadas técnicas que gostaríamos de destacar. Em primeiro lugar, os conteúdos disponibilizados no CD-Rom podem ser impressos. Para tal basta accionar o botão que surge no canto inferior direito do primeiro sub-contentor (ver Figura. 4). O objectivo passa por facilitar o trabalho de professores e alunos, pois, estudos mostram que ler no computador é 25 por cento mais lento do que ler em papel (Lima e Capitão, 2003). Em segundo lugar, o utilizador não tem de consultar obrigatoriamente o glossário

para conhecer o significado de uma palavra. O texto do CD-Rom tem algumas palavras escritas em cor-de-rosa. Colocando a seta do rato sobre a palavra, abre um balão de texto com o significado (ver Figura 4).



Figura. 4 Ecrã com exemplo do Glossário

Em terceiro lugar, os vídeos sobre a produção do jornal são disponibilizados de forma a conferir liberdade ao utilizador. O acesso aos filmes é feito através de *links* disponibilizados nas Unidades, os quais podem ser, ou não, accionados. Ao aceder, o utilizador pode sair de imediato, pode puxar o filme atrás ou à frente, pode accionar a *Pause*, além de aumentar ou reduzir o volume (ver Figura 5).

Para a realização dos vídeos, após termos produzido os guiões, procedemos às gravações recorrendo a uma câmara de filmar *Sony Digital Handycam USB Streaming Super Steady Shot* (DCR - TRV3555E PAL), um tripé, duas baterias e cassetes de gravação. Gravámos depois os registos áudio. Digitalizámos as imagens seleccionadas e iniciámos o processo de montagem dos filmes através do programa *Pinnacle Liquid Edition*. Os filmes foram depois convertidos em formato *mov* e integrados no CD-Rom através do *Flash*.



Figura. 5 Ecrã com vídeo do jornal

As opções técnicas seguidas no processo de produção do pré-protótipo do CD-Rom, “Vamos fazer jornais escolares” foram validadas por três especialistas da área da multimédia. Só então foi editado e disponibilizado a alunos e professores do 2º e 3º Ciclos, ao longo de um ano lectivo.

No ano lectivo 2005/2006, um total de 104 alunos, de quatro turmas (duas do 6º, uma de 7º e outra de 8º Ano) trabalharam com o CD-Rom em aulas de Português, Formação Cívica e Área Projecto, que decorreram na sala de Informática. Os professores organizaram as turmas em grupos, propondo-lhes actividades de produção de conteúdos para o jornal. As sessões foram gravadas em áudio e vídeo. Foram ainda feitas observação, notas de campo e entrevistas.

#### **4. De duas escolas a todas as escolas de uma região**

O trabalho desenvolvido para o jornal escolar, com recurso ao CD-Rom, contribuiu para o desenvolvimento da Educação para os Media e da Educação para a Cidadania. Verificaram-se essencialmente três diferenças em relação ao que acontecia antes: *i)* antes apenas alguns alunos participavam no jornal, mas depois cada escola tinha, pela primeira vez, mais de 50 alunos a produzir conteúdos para o jornal escolar; *ii)* antes os alunos participavam no jornal através da publicação de trabalhos escolares, mas depois passaram a participar com trabalhos feitos expressamente para o jornal escolar, para um público; *iii)* antes, os alunos não tinham conhecimentos das regras do texto jornalístico, mas depois começaram a manifestar preocupação em respeitar essas regras.

Em 2006 decidimos avançar com a criação de um projecto de Educação para os Media que englobasse todas as escolas públicas da região de Castelo Branco. Constituímos uma equipa que integra investigadores de cinco universidades portuguesas e três estrangeiras (Argentina, França e Itália), bem como uma empresa de software e o jornal Reconquista. O projecto foi candidatado à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), cujo júri internacional o aprovou em Maio de 2007. A constituição da equipa decorreu de contactos mantidos na sequência da tese de doutoramento que está na base do Projecto.

O Projecto *Educação para os Media no Distrito de Castelo Branco* foi iniciado em Outubro de 2007 e tem como objectivos: *i)* permitir a alunos e professores um melhor conhecimento em relação às diferentes etapas de produção de jornais em formato papel e on-line; *ii)* contribuir para fomentar a leitura de jornais; *iii)* contribuir para que os alunos devenham progressivamente descodificadores críticos e produtores reflexivos de mensagens media; *iv)* contribuir para aumentar a motivação dos alunos no sentido de utilizarem os media digitais (CD-Rom, Internet, ...); *v)* contribuir para a melhoria (gráfica e de conteúdos) dos jornais escolares já existentes; *vi)* aproximar escolas e a respectiva comunidade educativa.

As actividades incluem um trabalho de campo com 29 agrupamentos de escolas, que visa a criação de jornais escolares, em papel e *online*, nos agrupamentos onde não existem ou não se publicam, bem como a melhoria dos jornais escolares nos agrupamentos onde já são publicados regularmente.

Os professores e alunos envolvidos na produção do jornal terão como apoio o CD-Rom “Vamos fazer jornais escolares”. Foi também criado um sítio Internet de apoio, no qual serão disponibilizados todos os conteúdos do CD-Rom, bem como toda a informação relativa ao Projecto. Nesse sítio existirá também, a partir de Setembro 2008, uma área de divulgação dos jornais *online* produzidos pelas diferentes escolas a partir de um *template* criado pela equipa do projecto.

O jornal local *Reconquista*, empresa jornalística parceira do Projecto, assume a responsabilidade de imprimir o jornal escolar de cada um dos 29 agrupamentos (três edições por ano lectivo), além de assegurar a publicação de um suplemento com notícias seleccionadas de cada jornal escolar. Esse suplemento será publicado três vezes em cada ano lectivo. A equipa do projecto irá apoiar professores e alunos, deslocando-se regularmente às escolas e auxiliando nas actividades. Este trabalho decorrerá até Junho de 2010, ano em termina o projecto.

## **5. Conclusões**

Dada a necessidade urgente de desenvolver a Educação para os Media, é hoje importante desenvolver projectos de investigação em que participem universidades, escolas e empresas media. É também importante que nesses projectos sejam desenvolvidos recursos que devam ser testados e validados.

Finalmente, os projectos devem ser alvo de avaliações intermédias e finais, resultando deles indicações e suporte teórico para que projectos futuros possam ser desenvolvidos. O CD-Rom “Vamos fazer jornais escolares” e o Projecto “Educação para os Media na Região de Castelo Branco (Portugal) inserem-se nestas tendências actuais em termos de Educação para os Media.

## Referências

- Abrantes, J. (1992). *Os Media e a Escola: da imprensa aos audiovisuais no ensino e na formação*. Lisboa: Texto Editora.
- Banghal, S. e de Haan, J. (2004). *Flash MX 2004 at Your Fingertips*. San Francisco: Sybex.
- Buckingham, D. (2003). *Media Education: Literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press and Blackwell Publishing Ltd.
- Carta Europeia para uma Literacia dos Media (2006) <http://www.euromedialiteracy.eu/index.php?Pg=charter> (consultado na Internet a 10 de Agosto de 2007).
- Clarembaux, M. (2007, Março) Educación en Medios en Europa. *Comunicar*, 28, pp. 10-16.
- Comissão Europeia (s/ data-a). Audiovisual and media policies - Media Literacy: global perspective.  
[http://ec.europa.eu/comm/avpolicy/media\\_literacy/global/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/comm/avpolicy/media_literacy/global/index_en.htm) (consultado na Internet em 25 de Fevereiro de 2007).
- Comissão Europeia. (2007).  
[http://ec.europa.eu/avpolicy/media\\_literacy/docs/com/en.pdf](http://ec.europa.eu/avpolicy/media_literacy/docs/com/en.pdf) (Consultado na Internet a 29 de Dezembro de 2007).
- Dias, P., Gomes, M. e Correia, A. (1998). *HiperMedia & Educação* (1ª ed.). Edições Casa do Professor: Braga.
- Gonçalves, J. C. (2007). *Jornal Escolar: da periferia ao centro do processo educativo*. Tese de mestrado não publicada, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Gonnet, J. (1999). *Éducation et medias*. Paris: PUF.
- Hobbs, R. (1998). Building citizenship skills through Media Literacy Education.  
[http://www.medialit.org/reading\\_room/article365.html](http://www.medialit.org/reading_room/article365.html) (consultado na Internet a 23 de Fevereiro de 2007).

- Jacobs, W. (2005). *Speaking the Lower Frequencies: students and media literacy*. Albany: State University of New York Press.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press.
- Kress, G. (2003). *Literacy in the new media age*. New York: Routledge.
- Lievrouw, L. & Livingstone, S. (2006). Introduction to the updated student edition. In Leah Lievrouw e Sonia Livingstone (Orgs.). *The handbook of new media - updated student edition* (pp. 1-14). London: Sage.
- Lima, J. e Capitão, Z. (2003). *e-Learning e e-Conteúdos: Aplicações das teorias tradicionais e modernas de ensino e aprendizagem à organização e estruturação de e-cursos* (1ª ed.). Lisboa: Centro Atlântico.
- Lundgren, P. (2004). A European Media Education network – why?. [CD-Rom]. *Actas da Conferência Internacional Media Education in Europe*. Bruxelles: Media-Animation
- Mastermann, L. (1980). *Teaching about television*. London: Macmillan.
- Media-educ (2004). Livro de apoio ao CD-Rom. [CD-Rom]. *Actas da Conferência Internacional Media Education in Europe*. Bruxelles: Media-Animation.
- Mediappro. (2006). *A European Research Project: The Appropriation of New Media by Youth*. Brussels: Mediappro.
- Público. (2005). *Livro de Estilo* (2ª ed.). Lisboa: Público – Comunicação Social SA.
- Remy, M. (2003). Le rôle des technologies de l'information et de la communication dans l'espace éducatif européen. in Jean-Marc Ferry et Séverine De Proost (Eds.), *L'Ecole au défi de l'Europe – Médias, éducation et citoyenneté postnationale* (pp. 139-166). Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles.
- Unesco (2003). United Nations Literacy Decade: What is the United Nations Literacy Decade? [http://portal.unesco.org/education/en/ev.php-URL\\_ID=27158&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/education/en/ev.php-URL_ID=27158&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html) (Consultado na Internet a 07 de Agosto de 2006).
- Unesco. (2007). Agenda de Paris ou 12 recommandations pour l'Éducation aux Médias. [http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/AgendaParisFinal\\_fr.pdf](http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/AgendaParisFinal_fr.pdf) (consultado na Internet a 17 de Dezembro de 2007).
- UAB (2007). Final report. In UAB. *Current trends and approaches to media literacy in Europe*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.  
[http://ec.europa.eu/avpolicy/media\\_literacy/docs/studies/study.pdf](http://ec.europa.eu/avpolicy/media_literacy/docs/studies/study.pdf) (Consultado na Internet a 17 de Dezembro de 2007).
- Watrall, E. e Herber, N. (2004). *Flash MX 2004*. San Francisco: Sybex.